



QUANDO O PROFESSOR NÃO ACOLHE: ATITUDES NEGATIVAS DURANTE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM/ALFABETIZAÇÃO

BRANDÃO, Mariana Rodrigues¹
SANTOS, Iris Vitória da Silva²
SANTOS, Edlene Cavalcanti³

GT 2 – Infâncias, Juventudes e Processos Educativos.

RESUMO

Este relato de experiência apresenta as vivências no Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento, realizado em uma escola pública de Maceió/AL, com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. A reflexão centra-se em algumas condutas percebidas na prática pedagógica da professora regente, como uma postura mais inflexível, certa distância afetiva nas interações e limitações no atendimento às singularidades dos estudantes. Tais elementos impactaram significativamente o processo de aprendizagem e o desenvolvimento socioemocional das crianças. A experiência foi analisada à luz das concepções de Paulo Freire, Lev Vygotsky e Magda Soares, que defendem a necessidade de uma prática educativa dialógica, afetiva e humanizadora, pautada no respeito às individualidades e na promoção de um ambiente seguro e acolhedor. A partir dessa vivência, destaca-se a relevância do afeto e do acolhimento no processo de alfabetização, reafirmando a importância de práticas pedagógicas que considerem os aspectos emocionais, cognitivos e sociais dos educandos.

Palavras-chave: Estágio. Afetividade. Alfabetização. Humanização.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA OU EXPERIÊNCIA

O presente relato de experiência propõe uma reflexão crítica sobre alguns aspectos observados no contexto do Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento, realizado em uma escola pública de Maceió, Alagoas, com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. A temática central aborda as implicações da ausência de práticas mais acolhedoras no processo de aprendizagem, destacando especialmente como determinadas posturas pedagógicas podem impactar o desenvolvimento das competências de leitura e escrita das crianças em fase de alfabetização.

Neste trabalho, serão discutidas as principais evidências coletadas durante a vivência do estágio, analisando como algumas práticas pedagógicas acabam encontrando dificuldades para atender de forma mais individualizada às

¹ Universidade Federal de Alagoas. E-mail. marianarbrandao6@gmail.com

² Universidade Federal de Alagoas. E-mail. iris.vitoria@cedu.ufal.br

³ Universidade Federal de Alagoas. E-mail. edlene.santos@cedu.ufal.br





necessidades dos alunos, e como podem afetar o processo de alfabetização e o desenvolvimento integral dos estudantes.

A análise será realizada com base nas contribuições teóricas de Paulo Freire, Lev Vygotsky e Magda Soares, cujas concepções sobre o papel acolhedor e mediador do professor contribuem para a compreensão dos desafios identificados.

As intervenções ocorreram entre os meses de março e junho de 2025, em uma escola pública localizada em uma área periférica da cidade de Maceió, Alagoas, com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. O grupo atendido era composto por aproximadamente 20 crianças, com idades entre seis e sete anos, todas inseridas em contextos de vulnerabilidade social, o que influencia de maneira significativa suas trajetórias escolares e processos de aprendizagem.

OBJETIVOS DA AÇÃO EDUCATIVA

O objetivo deste estudo é apresentar uma análise reflexiva que conecte a prática vivenciada durante o estágio à fundamentação teórica, evidenciando os desafios enfrentados e as aprendizagens construídas a partir dessa experiência. Pretende-se, assim, contribuir para o debate sobre a importância de práticas pedagógicas acolhedoras no processo de alfabetização, valorizando o olhar atento às necessidades individuais de cada criança.

Além disso, busca-se ampliar a compreensão sobre o papel do professor como mediador do aprendizado, não apenas um transmissor de conteúdos, mas um agente que cria vínculos afetivos, estimula a autonomia dos alunos e favorece o desenvolvimento integral. Para isso, é fundamental que o educador adote uma postura empática e sensível, capaz de promover um ambiente de ensino humanizado e motivador.

O projeto de intervenção, chamado “Letras que Falam”, teve como propósito fortalecer a consciência fonológica das crianças, habilidade essencial para a aprendizagem da leitura e escrita. Por meio de atividades lúdicas e interativas, o projeto estimulou o reconhecimento dos sons da fala e sua relação com as letras,





tornando o processo de alfabetização mais significativo e envolvente. Essa experiência também evidenciou como a participação ativa e o respeito às particularidades de cada aluno são fundamentais para o sucesso da aprendizagem.

DESCRIÇÃO DETALHADA DA EXPERIÊNCIA

Este relato é baseado em uma pesquisa qualitativa, descritiva e reflexiva, resultante da prática pedagógica do Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento, componente obrigatório do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas.

Foram realizadas quatro observações sistemáticas da prática docente e três intervenções pedagógicas, com o objetivo de compreender as dinâmicas do processo de alfabetização e identificar atitudes que favorecessem ou comprometesse a aprendizagem.

O projeto foi desenvolvido a partir do mapeamento da rotina da sala de aula, considerando as estratégias da professora regente, as interações entre alunos e conteúdo, bem como as atitudes das crianças diante das atividades, focando no engajamento, dificuldades e mediações pedagógicas para favorecer, de forma lúdica e afetiva, o reconhecimento dos fonemas e sua associação com grafemas.

A análise, baseada nos registros do diário de campo e no relatório final do estágio, orientou reflexões críticas sobre as práticas docentes, fundamentadas nas concepções de Paulo Freire, Lev Vygotsky e Magda Soares, que auxiliaram na compreensão das mediações pedagógicas, do acolhimento e do papel humanizador do professor.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A experiência revelou como as atitudes do professor influenciam a construção dos vínculos afetivos e, consequentemente, a percepção das crianças em relação ao processo de alfabetização. Observou-se que posturas rígidas da



professora deixavam pouco espaço para acolher necessidades individuais, essenciais nesse momento inicial da trajetória escolar.

Foi notada a condução das atividades com cobranças iguais para todos, como se as crianças aprendessem da mesma forma. Fala ríspida, tons elevados e pouca flexibilidade frente às dificuldades, especialmente daqueles com maior dificuldade de frequência e ritmo, foram evidentes.

Essa postura pouco sensível gerava comportamentos defensivos, como receio de se expor, medo de errar e hesitação para fazer perguntas, revelando um ambiente pouco acolhedor, no qual o erro era visto como falha, prejudicando a autoestima e a participação nas atividades.

A postura da professora regente, marcada por rigidez, distanciamento afetivo e cobranças uniformes, refletia-se no cotidiano escolar em práticas que pouco valorizavam o processo de aprendizagem. Era comum presenciar gritos diante de erros, ordens ríspidas para que os alunos “calassem a boca” e uma condução em que o medo substituía a curiosidade. Essas atitudes impactavam diretamente as crianças, que demonstravam insegurança, receio de se expor e baixa participação nas atividades, transformando a sala de aula em um espaço de tensão mais do que de descoberta.

No entanto, tais condutas não podem ser vistas apenas como escolhas individuais, mas como reflexo de condicionantes sociais e políticos que atravessam a prática docente. A sobrecarga de trabalho, a ausência de recursos pedagógicos, a pressão por resultados em avaliações externas e a falta de políticas públicas de valorização e formação continuada criam um cenário em que o acolhimento das especificidades infantis se torna secundário. Em contextos de vulnerabilidade social, como o da escola observada, esses limites se intensificam, pois as crianças necessitam de maior escuta e sensibilidade às suas trajetórias, as quais frequentemente não encontram espaço na dinâmica escolar.





Lev Vygotsky (1991) destaca que a aprendizagem ocorre em contextos sociais mediados pela linguagem e afeto, e que a relação entre educador e educando é fundamental para o desenvolvimento psicológico. Assim, o ambiente emocional da sala deve ser acolhedor, pois o medo e a ansiedade limitam a participação ativa.

Refletiu-se sobre o papel do professor não só como transmissor de conteúdos, mas como alguém que acolhe, escuta e comprehende as histórias, desafios e potencialidades de cada criança. Paulo Freire (2018) lembra que educar é um ato amoroso e dialógico, que só se realiza com respeito à singularidade do outro.

Durante o estágio, atividades lúdicas e participativas mostraram que crianças se sentem mais seguras e motivadas quando são valorizadas e ouvidas, confirmado a afetividade como parte essencial do processo pedagógico.

Magda Soares (2016) enfatiza que alfabetizar é mais que ensinar a ler e escrever; é possibilitar que a criança se reconheça como sujeito em práticas sociais significativas. Para isso, o ambiente escolar deve ter relações de confiança e respeito, em que o acolhimento seja prática cotidiana que humaniza o processo educativo.



RESULTADOS ALCANÇADOS OU INDICATIVOS DE MUDANÇA

A trajetória vivenciada evidenciou a importância do acolhimento, do afeto e da escuta na prática pedagógica, especialmente na alfabetização. Práticas rígidas revelaram como atitudes pouco sensíveis interferem no engajamento e motivação das crianças, mostrando a necessidade de ambientes que respeitem as singularidades de cada estudante.

A intervenção mostrou que práticas baseadas na ludicidade, escuta ativa e protagonismo infantil promovem avanços significativos nas habilidades de leitura e escrita, além de fortalecer vínculos afetivos e autoestima.

A experiência reforça que a qualidade das interações em sala é determinante para o sucesso do processo de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência do estágio reforçou que o professor é um agente fundamental na construção de um ambiente escolar acolhedor e humanizado, capaz de potencializar aprendizagens e formar sujeitos críticos e autônomos.

Quando o educador ignora as singularidades dos alunos ou adota atitudes desmotivadoras, compromete tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o emocional, gerando insegurança, bloqueios e rejeição à aprendizagem.

A falta de escuta, empatia e valorização do potencial do aluno pode transformar a escola em um espaço de exclusão, não inclusão. Portanto, é fundamental refletir sobre as práticas pedagógicas e investir na formação sensível do docente, para que a escola seja um lugar de acolhimento, respeito e construção de saberes significativos desde os primeiros passos da alfabetização.

Reafirma-se a importância de uma prática pedagógica comprometida com o respeito, a ética e a promoção do direito à educação de qualidade para todos.





REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 52^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016